



*TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS é um ciclo de visionamentos comentados onde se mapeia o encontro entre o cinema e a cidade de Lisboa. As sessões deste ciclo – que não são sessões de cinema – lidam com duas topografias: a topografia do filme, que se percorre mas que também se fragmenta, através da projeção de excertos escolhidos e comentados a partir de diferentes perspetivas; e a topografia da cidade. Este ciclo procura dar conta do modo como a primeira destas topografias interfere com a segunda. Isto é, procura explorar o modo como o cinema imagina, reconfigura e interfere com a topografia da cidade de Lisboa. Cada sessão deste ciclo começa com o visionamento comentado de um filme e só no final os fragmentos projetados são vistos no seu lugar, no filme inteiro.*

## **A CIDADE COMO ESTÚDIO - 5 A 8 DEZEMBRO 2018 | AML-VIDEOTECA | 15h**

Várias divergências atravessam a história do cinema e dividem cineastas, mas talvez uma das mais decisivas seja a que diz respeito à relação com a realidade. A esse nível poderíamos talvez distribuir os cineastas por dois lados (salvaguardando uma enorme mancha cinzenta, cheia de tonalidades, entre os dois): aqueles que criam o seu programa formal a partir da realidade e aqueles que encaixam a realidade no seu programa formal. Este programa formal, e a relação entre cineasta e realidade que depreende, têm um nó: o plano.

De várias maneiras a teoria do cinema definiu o plano cinematográfico. Uma delas define-o como um contentor, um recipiente, que o cineasta instala e prepara para receber aquilo que filma.

Este 5º ciclo de visionamentos comentados começa por procurar explorar e analisar as operações que, num filme, são levadas a cabo para que o espaço real seja um espaço que cabe (nesse contentor ou recipiente). Mas essa investigação levantará inevitavelmente questões mais latas, relacionadas

com a representação – que ações se operam num espaço (real) para o preparar para a representação (cinematográfica ou outra) – e relacionadas também com a cidade – quanto destas operações (de arrumação, limpeza, hierarquização) tem afinidades com as ações levadas a cabo no espaço urbano de Lisboa e que consequências têm estas nos modos da sua habitação.

Pensar ou olhar para a cidade como estúdio é ainda considerá-la como um espaço de trabalho que vai ser redimensionado, agenciado, para produzir um outro tipo de espaço que é o cinematográfico (sensorial/percetivo, imaginário e simbólico). A cidade é aí um instrumento e o suporte de uma outra cidade, a que se vê no ecrã e a que se recompõe no espaço mental do espectador graças ao filme.

**A cidade como estúdio** é então o tema deste programa. Ele será simultaneamente um posfácio (fecha o ciclo até aqui dedicado ao encontro do cinema com a arquitetura) e um prefácio: antecede e prepara (antiteticamente) o ciclo que será iniciado na próxima edição, com um programa que sairá para a rua ao encontro dos espaços reais, auscultados a partir da sua sonoridade.

**5 DEZEMBRO, 4.ª feira, 15h**

STORM OVER LISBON, George Sherman, 1944, 86'

**6 DEZEMBRO, 5.ª feira, 15h**

A CANÇÃO DE LISBOA, Cottinelli Telmo, 1933, 90'

LISBOA DE HOJE E AMANHÃ, António Lopes Ribeiro, 1948, 40'

**7 DEZEMBRO, 6.ª feira, 15h**

BRANDOS COSTUMES, Alberto Seixas Santos, 1975, 75'

**8 DEZEMBRO, sábado, 15h**

O BOBO, José Álvaro de Morais, 1987, 127'

5 DEZEMBRO, 4.<sup>a</sup> feira, 15h

visionamento comentado de **STORM OVER LISBON, George Sherman, 1944, 86'**

Não são raros os filmes de espionagem dos anos 40, com produção inglesa e americana, que têm Lisboa como cenário. Aproveitando-se do posicionamento neutro de Portugal durante a II Guerra Mundial, Lisboa serviu nestes filmes como base de chegada, partida ou refúgio de personagens que vinham de ou desejavam ir para outro lugar. Lisboa era então uma espécie de “não-lugar” (e não apenas em termos de narrativa). É o que acontece neste filme, uma produção americana da Republic Pictures, que alguns consideram ser uma resposta ao *Casablanca* da Warner Brothers (onde Lisboa é só destino e desejo mas não aparece). *Storm over Lisbon* passa-se, ao contrário de *Casablanca*, em Lisboa. Mas, retirando alguns breves planos iniciais que são mesmo das pitorescas calçadas e do Rossio, a cidade aparece como uma miniatura construída dentro de um estúdio americano. Simulação e miniaturização são aqui palavras de ordem.

seguido de projeção do filme completo e em simultâneo nos postos individuais de visionamento:

LISBOA NO CINEMA - UM PONTO DE VISTA, Manuel Mozos (1996), 107'

DANS LA VILLE BLANCHE (A CIDADE BRANCA), Alain Tanner (1982), 101'

LISBON STORY (VIAGEM A LISBOA), Wim Wenders (1994), 100'

**6 DEZEMBRO, 5.<sup>a</sup> feira, 15h**  
visionamento comentado de **A CANÇÃO DE LISBOA, Cottinelli Telmo, 1933, 90'**  
**LISBOA DE HOJE E AMANHÃ, António Lopes Ribeiro, 1948, 40'**

As cidades de *A Canção de Lisboa* e *Lisboa de Hoje e Amanhã* não são as mesmas. Mas apesar da diferença nas escalas – no primeiro filme, Lisboa é a cidade dos pátios e das ruelas, no segundo, é a das grandes avenidas – e da diferença nos tempos – o primeiro filme aponta para um passado (que se quer manter), o segundo para o futuro (em construção) – ambos os filmes projetam a imagem do Estado sobre a cidade. Limpam-na, organizam-na, transformam-na numa maquete.

“As demolições continuam, o crescimento natural da cidade assim o exige”, diz a voz *off* (a do próprio António Lopes Ribeiro) no segundo filme: nesta sessão procuraremos fazer perguntas sobre este “natural” (o que permitirá pensar na cidade hoje).

seguido de projeção do filme completo e em simultâneo nos postos individuais de visionamento:  
LISBOA, CRÓNICA ANEDÓTICA, José Leitão de Barros (1930), 84'  
VIDAS SEM RUMO, Manuel de Guimarães (1956), 69'  
BELARMINO, Fernando Lopes (1964), 90'

**7 DEZEMBRO, 6.<sup>a</sup> feira, 15h**

visionamento comentado de **BRANDOS COSTUMES, Alberto Seixas Santos, 1975, 75'**

Lisboa aparece aqui como ameaça. Todo o filme se passa dentro de uma casa de onde, de vez em quando, se espreita furtivamente para fora, e todos os planos efetivamente do exterior são retirados de filmes de propaganda e atualidades – imagens de grandes manifestações pró-regime de Salazar onde se pode observar uma particular, monumental, organização do espaço público. Se por um lado *Brandos Costumes* trabalha de modo acutilante sobre o universo (pequeno) da casa e da família burguesa durante o Estado Novo, a entrada do exterior no filme torna-o uma reflexão sobre um regime: Lisboa aparece aqui como um estúdio gigantesco e os seus habitantes como figurantes de um espetáculo monstruoso.

seguido de projeção do filme completo e em simultâneo nos postos individuais de visionamento:

BENILDE OU A VIRGEM MÃE, Manoel de Oliveira (1975), 112'

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?, João César Monteiro (1975), 65'

AS ARMAS E O POVO, Sindicato dos Trabalhadores da Produção de Cinema, (1975), 78'



**8 DEZEMBRO, sábado, 15h**  
visionamento comentado de **O BOBO, José Álvaro de Morais, 1987, 127'**

Literal é uma palavra-chave para a integração deste filme num ciclo que anda à volta da ideia do estúdio: não só grande parte do filme se passa num estúdio, onde uma das personagens está a montar a apresentação de uma versão teatral do romance histórico *O Bobo*, de Alexandre Herculano; como a própria cidade aparece como espaço de trabalho de uma equipa de cinema (aliás o filme integra e joga com várias artes, e imagens de diferentes naturezas – filmes projetados no palco, estúdio cinematográfico como palco...). *O Bobo* permite abordar a dimensão mais laboratorial da noção de estúdio, porque ele próprio é um laboratório, uma oficina onde, de modo fragmentado e experimental, se expõe e pensa o próprio mecanismo cinematográfico na relação com os espaços da cidade.

seguido de projeção do filme completo e em simultâneo nos postos individuais de visionamento:

NINGUÉM DUAS VEZES, Jorge Silva Melo (1985), 107'

SILVESTRE, João César Monteiro (1981), 118'

O MEU CASO, Manoel de Oliveira (1986), 88'

# TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS

5.º ciclo de visionamentos comentados

A CIDADE COMO ESTÚDIO  
5, 6, 7 e 8 dezembro | 15h

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA | VIDEOTECA

Edifício da "Promotora" (a Alcântara)

Largo do Calvário, nº 2 - 1300-113 LISBOA | Telefone: 218 170 433 | [videoteca@cm-lisboa.pt](mailto:videoteca@cm-lisboa.pt)  
<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt> | <https://www.facebook.com/topografias.imaginarias>

Organização



arquivomunicipal de lisboa  
videoteca

Parceria

